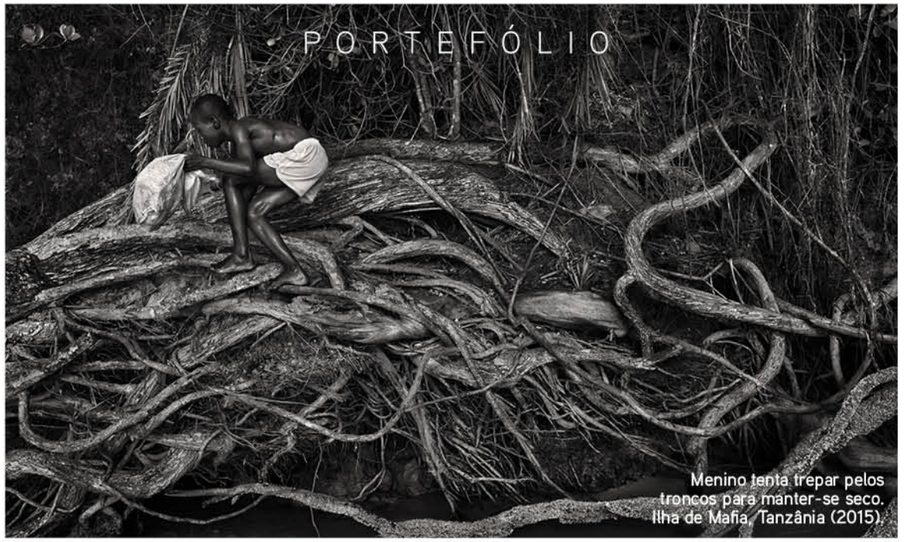


Menino tenta trepar pelos troncos para manter-se seco. Ilha de Mafia, Tanzânia (2015).

ENSAIO SOBRE O ERRO

EIS O HOMEM QUE DEIXOU TUDO PARA FAZER FOTOGRAFIA E QUE, ANOS MAIS TARDE, ABANDONOU A FOTOGRAFIA PORQUE, UM DIA, ENGANOU O MUNDO E FOI APANHADO. HÁ DOIS ANOS VOLTOU A FOTOGRAFAR E ACABÁMOS POR ENCONTRÁ-LO NO *INSTAGRAM*. EIS GILLES NICOLET. Por DIEGO ARMÉS.



PARTE I

Nasceu em França mas mudou-se com a família para a Argentina ainda muito cedo. Foi por lá que Gilles Nicolet aprendeu as técnicas essenciais da fotografia com um fotógrafo mais velho. "Naquele tempo, os fotógrafos sabiam fazer tudo, fotografar, revelar as fotos e provas, etc. Este tipo ensinou ao meu irmão tudo o que ele precisava de saber e é claro que eu de vez em quando me juntava a eles e ficava a vê-los fazer tudo isso", conta.

A paixão pela fotografia chegou por intermédio de uma outra paixão, mais antiga. "O chamamento dos trópicos, as terras exóticas, as tribos remotas... Desde os meus 20 anos que mantenho um enorme interesse pela etnografia e pela antropologia", explica, acrescentando orgulhosamente alguns dos locais por onde passou: Waziristão, que mais tarde viria a ser quartel-general de Bin Laden, Colinas de Chittagong, onde conheceu e conviveu com os Mru, ou o Triângulo Dourado, perigoso território do sudeste asiático onde se produz ópio como em nenhum outro sítio do mundo.

Apesar de toda esta paixão pela aventura, pelo exotismo, por locais e povos remotos, Nicolet deu por si em África, sim, no Gana, mas a trabalhar para uma multinacional. Tinha um ordenado chorudo, um bom carro e uma casa confortável. Até que nasceu o primeiro dos seus filhos.

Como foi o dia em que tudo mudou?

Não estava a ser eu próprio e sentia que me estava a faltar algo fundamental. Então nasceu o meu primeiro filho, o Gaël, e percebi que se eu não fizesse alguma coisa para contrariar esta insatisfação, o meu puto nunca viria a conhecer o seu verdadeiro pai - o meu verdadeiro eu - mas apenas um homem que andava para ali a usar uma máscara e a desempenhar um papel. Este pensamento foi muito assustador, garanto-te. Foi nesse momento que decidi dedicar-me inteiramente à fotografia, tornar-me profissional.

E como foi largar tudo? Estás acostumado a um certo nível de vida e, de repente, largas tudo por causa da tua paixão. Foi duro para a tua família?

Sim. Antes de mais, tive de reinventar-me aos 32 anos e fingir que era um fotógrafo quando, na realidade, ainda não tinha vendido uma única fotografia. (risos) Foi uma época de muitas dúvidas e enganos. Eu ainda estava a aprender o ofício e naturalmente cometi erros de principiante. Por exemplo, escolhia as histórias erradas ou apontava aos mercados errados. Tive sorte porque a minha mulher sempre me apoiou. Ela trabalhava enquanto eu andava para ali a tentar perceber como é que as câmaras funcionavam. (risos)







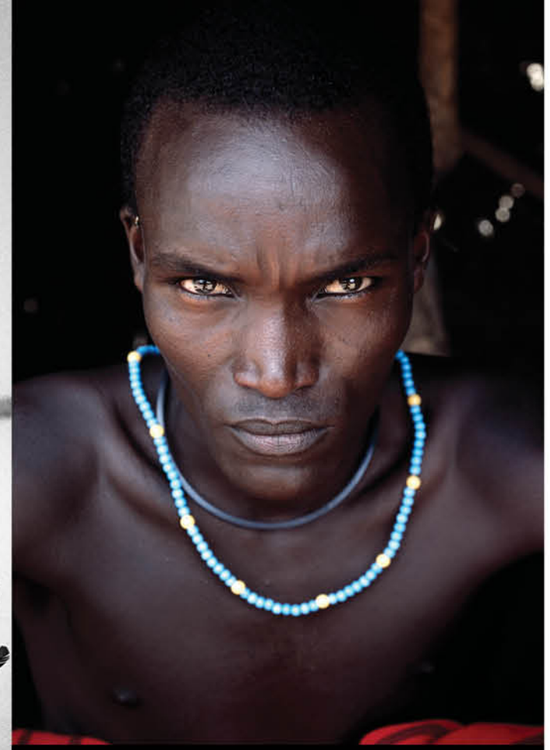




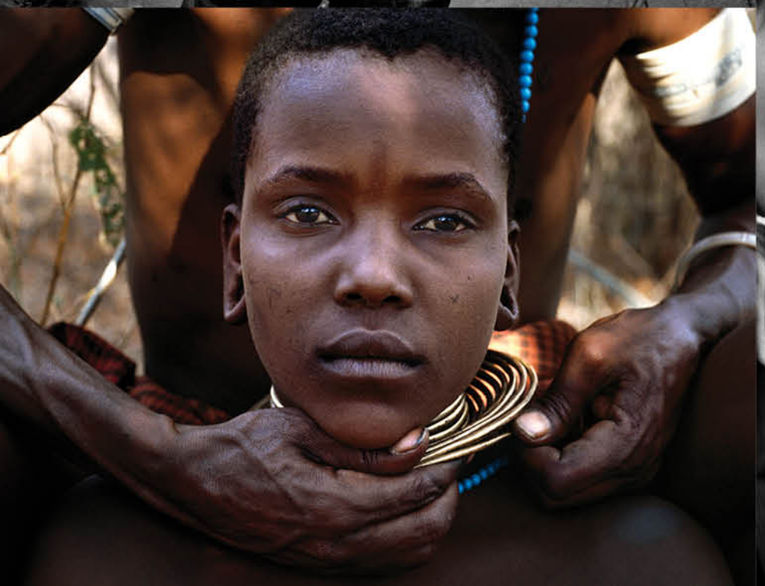
De cima para baixo e no sentido dos ponteiros do relógio, mulher na localidade de Tanga, na Tanzânia (2015); Sambo, o caçador de pitões (Camarões, 1996); Meninos em Kilindoni, na ilha de Mafia, na Tanzânia (2015); barcos na costa suaíli, na Tanzânia (2015); homem e o seu barco na ilha de Mafia (2015); meninos e um hipopótamo, nos Camarões (1997).







De cima para baixo e no sentido dos ponteiros do relógio, rapaz segura dois patos, nos Camarões (1996); guerreiro Barabaig, na Tanzânia (2003); menino dorme numa capulana, no Benin (1990); jovem mulher Barabaig, na Tanzânia (2003).





"Se não tivesse sido apanhado, acredito que teria lidado bastante bem com a minha consciência."

E quando é que tudo começou a compensar? Quais foram as primeiras jornadas em que sentiste "epá, é mesmo isto, estou feliz, estou a fazer aquilo de que gosto"?
Certo dia, encontrei uma história incrível que decidi cobrir. Era a história dos Gbaya, um povo que era mestre em caçar pitões vivos escondidos nas tocas dos orictéropos, que é uma espécie de papa-formigas gigante africano. Os Gbaya enfiam-se nesses buracos, no escuro, e agarram os pitões pelo pescoço. Passei muito tempo com eles durante dois anos e fiquei fascinado com a sua sabedoria. Senti-me altamente privilegiado por poder presenciar e observar de perto tudo isto. Levou-me dois anos inteiros de trabalho, mas acabou mesmo por sair na edição americana da *National Geographic Magazine* (NGM) antes de ser mundialmente difundida. Foi isso que lançou a minha carreira.

O que é que é preciso ter-se para se ser um fotógrafo no meio da selva, com povos nativos remotos, rodeado de animais selvagens?
Requer tempo, muita dedicação, conhecimento e curiosidade. Tempo porque nada disto te chega do nada neste tipo de ambiente. Por exemplo, vens na altura errada do ano e nada vai acontecer. A dedicação é essencial porque, quando andas à caça de histórias assim tão difíceis, em ambientes tão duros, é muito fácil perderes o ânimo e sentires-te desencorajado. Não podes permitir-te tal coisa, portanto tens de continuar e talvez qualquer coisa maravilhosa aconteça. Ter conhecimento dos povos também é fundamental, claro. Tens de ganhar a sua confiança para que eles decidam que podem mostrar-te algo que provavelmente nunca mostraram a alguém de fora da tribo. Também tens de ganhar o seu respeito. Por fim, a curiosidade é a ferramenta que vai fazer com que descubras novas facetas das histórias.

O que representou para ti trabalhar para a *National Geographic*?
Tínhamos feito duas histórias em conjunto e eu estava a trabalhar na terceira quando me meti em problemas. [Já vamos falar sobre estes problemas.] Nesse tempo, nos anos 90 e inícios de 2000, a NGM era aquela revista extraordinária. Infelizmente, acredito que essa qualidade se perdeu um pouco entretanto, alguma coisa mudou para pior. A qualidade tanto das histórias como das fotografias era muitíssimo boa. O que também mexeu seriamente comigo foi o profundo respeito que sempre demonstraram pelos fotógrafos. É que, na Europa, nem sempre é assim. Na Europa, muitas vezes os fotógrafos são tratados com alguma indiferença. Eu acredito que na NGM eles compreendiam que os fotógrafos eram quem contribuía com o elemento mais importante para o sucesso da publicação.

PARTE II

Chegou a altura de falarmos dos tais problemas em que Gilles Nicolet se meteu com a NGM. O fotógrafo realizou um longo trabalho com uma tribo mas não encontrava maneira de produzir fumo branco. Nicolet não resistiu à tentação e forçou-lhe o desfecho: encenou uma fotografia. Foi o seu fim enquanto fotojornalista. Mas não o seu fim enquanto ser humano de crenças e ambições nem, tão pouco, enquanto fotógrafo.

Não é que andemos aqui às voltas, a fingir que o elefante não está na sala, mas creio que chegou a altura de irmos direto ao assunto: o teu longo trabalho com os Barabaig revelou-se um desastre para a tua carreira. Porém, ao mesmo tempo, acredito que te sintas orgulhoso do que fizeste, tirando talvez aquela parte em que, nas tuas palavras, "recorreste a um pequeno truque" (sic). O que é que sentes em relação a esse trabalho específico?
Honestamente, e correndo o risco de soar pretensioso, acredito que muito poucos fotógrafos tivessem ido tão longe quanto eu fui para conseguir fazer aquela história.
Embora eu tenha acabado por encenar uma das fotografias, toda a história era real... Quero dizer, estes tipos caçavam elefantes sempre que podiam. Acontece que, nas cinco caçadas que fiz com eles, simplesmente não tiveram sorte - e por sorte quero dizer que não conseguiram deitar abaixo um único animal. Nem um. E isto, claro, deixou-me numa posição muito delicada, acabei por também não ter sorte, por assim dizer. Foi então - e só então - que decidi 'recorrer a um pequeno truque': não te esqueças que, antes disto, eu andava a tentar as fotos reais da caçada havia dois anos. Posto isto, não diria que me sinto orgulhoso deste trabalho mas posso garantir-te que estou convencido de ter feito o meu melhor.

E, no seguimento deste episódio, abandonaste a fotografia durante dez anos. O que é que fizeste durante um período tão longo?
Depois disso abdiquei totalmente da fotografia. Em parte, fi-lo porque não queria ter colada a mim a etiqueta de "aldrabão" para o resto da vida. Por outro lado, eu estava num ponto da minha carreira em que apenas a NGM poderia financiar o tipo de projeto capaz de me entusiasmar. No momento em que perdi o apoio deles, deixou de fazer sentido continuar. Tornei-me vendedor de mobiliário. [risos] Não correu bem e, nos dois anos que se seguiram, deixei-me imergir em filosofia. Li muito e desci aos confins de mim mesmo. Obviamente, tudo me doeu muito e eu quis perceber porquê. Acabei por compreender e saí de toda esta trapalhada sentindo-me muito mais forte do que alguma vez tinha me tinha sentido. Mas, até há pouco tempo, não pensava voltar a pegar numa câmara fotográfica.

Qual foi a dimensão do escândalo? A nota editorial da NGM é bastante dura, soa um bocado a "este senhor aqui enganou-nos e agora percebemos que nunca o conhecemos verdadeiramente". Pensas muito nisso? Deixou-te uma cicatriz ou ainda é uma ferida aberta?
Naturalmente, não foi notícia de abertura mas não deixou de ser um pequeno escândalo no mundo do fotojornalismo. As pessoas falavam disso. Na NGM eles são extremamente sensíveis no que concerne à reputação da revista, por isso tinham de reagir rapidamente, como é óbvio. Publicaram de imediato qualquer coisa online a dizer que estavam a investigar todo o caso. Três meses mais tarde, se não me engano, na edição de outubro de 2004, publicaram um pedido de desculpas aos leitores. O diretor da revista da altura, Bill Allen, acabou por demitir-se do cargo alguns meses depois e eu não ficaria

Pescadores regressam do mar em Kilwa Kivinje, na Tanzânia (2015).



À *National Geographic*, Gilles Nicolet vendeu esta foto como sendo de um grupo de caçadores com presas acabadas de retirar de um elefante. Viria a saber-se que a foto foi encenada.

surpreendido se a sua decisão estivesse de algum modo relacionada com o escândalo.
O público reagiu quase unanimemente desvalorizando todo o meu trabalho como se tudo o que fiz fosse um embuste. Foi como se tivessem sentido que toda a história - e não apenas algumas fotos - tinha sido inventada. Acho que pensaram que tinha sido algo do género "para quê dar-me ao trabalho de fotografar a cena real se podemos simplificar encenando umas quantas fotos?". Mas, e daí, não os posso censurar por pensarem que foi isso que aconteceu.
Ver aquela nota do editor publicada na revista é claro que me magoou. Quero dizer, naquele tempo, a NGM era lida por mais de 50 milhões de pessoas, por isso é óbvio que ver o meu nome rebaixado daquela maneira não foi muito agradável... Tanto quanto sei, este tipo de pedido de desculpas raramente ou mesmo nunca tinha acontecido na história da NGM. E ali estava eu, marcado como trafulha para toda a gente ver. Atenção, eu não os culpo, de todo, pelo que eles fizeram, estavam apenas a proteger-se e a fazer o que tinham de fazer.
Não há dúvidas de que, durante uns anos, este escândalo teve um impacto grande na minha vida - social, psicológica e profissionalmente - mas, no fim de contas, não teve mais do que uns quantos outros eventos pelos quais passei, tais como uma belíssima história de amor que acabou amarga ou o nascimento de um filho. Aquilo obrigou-me a repensar completamente o que era eu - as minhas ações, as minhas opções - e a explorar a complexa rede que é a nossa maquilhagem psicológica: a natureza do ego, a natureza do medo psicológico, etc., ou, por outras palavras, as armadilhas mentais que nos empurram em direção a erros deste tipo. Mas já não há resquícios de dor, isso posso garantir-te. Não há nem cicatriz nem ferida.

PARTE III

Gilles Nicolet amadureceu muito, pensou muito e mudou muito de vida. Talvez não possa falar-se de redenção, mas há uma espécie de renascimento do fotógrafo que, sublinhe-se, parece conviver muito bem com tudo o que lhe aconteceu.

Agora regressas das sombras e nós acabamos por encontrar-te no *Instagram*. Vives novamente da fotografia? De que tipo de fotografia?
Foi a minha nova companheira quem me deu aquele empurrãozinho para que eu voltasse à fotografia. Ela tem um olho apurado e discutimos muitas vezes fotografia, observamos juntos os trabalhos de outros fotógrafos, vamos a exposições, às vezes compramos impressões de coleção... E então ela é capaz de ter pressentido que a paixão ainda cá estava. As mulheres são intuitivas e muitas vezes compreendem-nos bem melhor do que nós nos compreendemos. [Risos] Adiante. Aqui há tempos, ela comprou-me uma Fuji *X100S*, daquelas pequenas, e disse-me "por favor, vai tirar fotografias outra vez". No momento em que segurei na câmara fiquei agarrado outra vez.
A minha fotografia agora aponta numa nova direção, algo bastante diferente daquilo que andava a fazer dantes. Já não trabalho a cores, para começar, só a preto e branco. O meu trabalho também se tornou menos sensacionalista, mais etéreo, de alguma forma, mais contemplativo. Definitivamente, não é de natureza jornalística mas muito mais *travail d'auteur*.

Quais são os teus planos para o futuro? Ouvi dizer que queres fazer um livro.
Eu estou a desfrutar imensamente deste regresso à fotografia e quero concentrar-me completamente nesta forma de fotografar daqui em diante. Não há a menor chance de eu voltar como fotojornalista. Depois do que eu fiz, ninguém iria levar-me a sério. [Risos]

Como é que teria sido se nunca tivesses sido apanhado com aquela tua trafulhice? Como é que terias vivido e ainda viverias com isso?
Na altura em que fui apanhado, a minha carreira estava a correr muito bem. O meu trabalho era publicado um pouco por todas as principais revistas e tinha acabado de conseguir o meu primeiro trabalho, propriamente dito, para a NGM, com uma história na Índia. Esse, não tenho dúvidas, ter-me-ia levado a novas missões. Mas, vá, não vale a pena tentar reinventar o passado, é uma perda de tempo.
Respondendo à tua questão, se não tivesse sido apanhado, acredito que teria lidado bastante bem com a minha consciência. O facto de ter feito batota não me teria afetado muito, porque se eu aldrabei foi porque me senti desesperado. E, não sei se sabes, mas muitos fotógrafos, incluindo alguns dos melhores e dos mais conhecidos, também aldrabam ou, em algum momento, já aldrabaram, de uma forma ou de outra... Exemplos não faltam. Não quero escavar muito fundo aqui neste assunto nem ser específico, mas posso garantir-te que muitos rearranjam a realidade, para pôr a coisa de uma forma simpática. Incluo aqui os fotojornalistas. O que acontece é que eles são, na sua maioria, mais espertos do que eu e não são apanhados. [Risos]

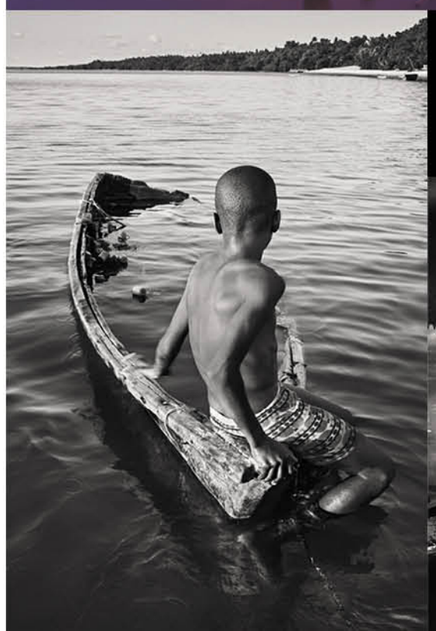
Gilles Nicolet conclui com suavidade...
Foi um erro que me saiu muito caro - e eu paguei a minha conta. Agora simplesmente olho em frente, penso em fazer mais fotografias porque continuo apaixonado pela beleza. É que esse bocado nunca mudou, sabes?... •











No sentido dos ponteiros do relógio, pescadores de camarão, na Tanzânia (2015); caçador de mel Gbaya, nos Camarões (1997); menino olha para o mar, na Tanzânia (2014); homens fritam peixe em Kilva Kivenje, na Tanzânia (2016); menino na ilha de Mafia, na Tanzânia (2015); e a espera pelos pescadores, nos Camarões (1997).

